

AULIA II

[*Metafísica e orientação radical — Orientação autêntica e orientação fictícia — O si mesmo e a personalidade convencional — A vida é o que fazemos, o que se passa conosco — Os atributos da vida — A vida é evidencial — Mundo é o que nos afeta — A vida é circunstancial — Viver é nos sentirmos forçados a decidir o que vamos fazer — Viver é, antes de tudo, deparar-se com o futuro*]

A metafísica é algo que o homem faz, e esse fazer metafísico consiste em o homem buscar uma orientação radical em sua situação. Isso parece implicar que a situação do homem é uma radical desorientação, ou, em outras palavras, que estar orientado não pertence à essência do homem, ao seu verdadeiro ser, como um atributo constituinte, mas sim, ao contrário, que é próprio da essência humana o homem estar radicalmente desorientado.

Talvez — notem que não digo mais que *talvez* — isso que chamo de “estar orientado” seja o que tradicionalmente se chama de “saber o que as coisas

são” ou “conhecê-las”. Por que, então, não usar essa expressão mais habitual, mais conhecida? De fato, aquele que sabe o que as coisas são — entendendo o termo “coisa” em seu sentido mais amplo e vago — está orientado. Desse modo, orientação não seria senão saber ou conhecer. Mas, além de não estar certo, como veremos a seu tempo, notem a transformação que isso produziria em nossa definição. Substituindo “saber” por “orientação” teríamos que a metafísica seria o saber radical. Contudo, essa definição supõe que sabemos o que é o saber, o conhecer. De outro modo não a empregariamos. E, de fato, supor como coisa sabida o que é o saber e o que é o ser das coisas, em cuja posse consiste o conhecimento, foi o uso constante da filosofia. Mas eu pretendo precisamente tomar os problemas filosóficos num estrado mais profundo do que se costumou atacá-los. Eu não dou por pressuposto e entendido o que é saber e o que é ser, e não faço a metafísica consistir em partir, sem mais nem menos, a averiguar o que as coisas são, crendo que, se averiguo isto, já sei — posto que a idéia tradicional do saber ou do conhecimento consiste no fato de o sujeito possuir intelectualmente o ser das coisas. Não posso averiguar de verdade o que as coisas são se não sei, antes, o que o ser é. Se não sei o que ele mesmo é, como poderei saber qual é o das coisas? Temos, pois, que as duas idéias recíprocas — o ser e o saber, ou conhecer — estiveram sempre por trás da metafísica ou da filosofia durante um século e meio, e contudo, considerou-se como parte

inicial e fundamental da filosofia a crítica ou teoria do conhecimento, como durante mais de mil anos se considerou que a parte inicial ou fundamental da filosofia era a ontologia ou teoria do ser. Como posso eu afirmar que é uma inovação colocar como problema o que é o conhecer e o que é o ser se estas são as duas questões clássicas, canônicas de toda filosofia? Pois aí está o estranho deste caso: quando até agora a filosofia estudava o ser, o que estudava era o ser-das-coisas, perguntando-se: “o que são as coisas?”. Mas não se perguntava: “o que é o ser?”. Dava isto por pressuposto, não fazia questão disto e o deixava para trás. E, paralelamente, quando a teoria do conhecimento se perguntava: “o que é o saber ou o conhecimento?”, o que buscava era se é possível, *como* era possível, *quais* eram seus limites e normas. Mas jamais lhe ocorreu entender a pergunta em seu sentido mais óbvio, radical e primário, a saber, “o que é isto cuja possibilidade, funcionamento, limites e normas investigamos?”, ou, dito de outro modo, “como é que existe no universo esse algo que chamamos de saber, qual é seu sentido originário, em que ele consiste?”, antes de averiguar se é possível ou não, como funciona, etc.

Se “saber” e “ser” são os dois problemas fundamentais, definir a metafísica como saber radical é dá-la já por pressuposta; pior ainda, é deixar o principal dela para trás e começar quando tudo já foi dado como resolvido. Aspiro, pois, a tomar a filosofia num estrato prévio, mais profundo que

o cultivado pelo pretérito. A filosofia não progride como as ciências, na dimensão horizontal, mediante alargamentos sucessivos; progride para baixo, na dimensão da profundidade, e seu avanço consiste em questionar o que até o momento não havia sido questionável.

Como veremos, a idéia de orientação é mais radical, mais profunda e prévia que a idéia de saber, e não o contrário. Estar orientado não se esclarece verdadeiramente pelo conceito de saber: a orientação não é um saber, mas o contrário, o saber é uma orientação.

Feita essa advertência, tornemos à definição da metafísica como aquilo que o homem faz quando busca uma orientação radical para sua situação. Isso supõe — dizíamos — que a situação do homem é desorientação. Entretanto, é quase certo que todos vocês se sentem mais ou menos orientados. Por conseguinte, vocês não necessitam nem podem fazer metafísica. Mas a definição implica algo mais grave. Não diz que o homem faz metafísica quando sua situação é de desorientação e somente então — admitindo, portanto, que o homem pode encontrar-se orientado em outras situações —, mas afirma taxativamente que a situação do homem é sempre desorientação. Tanto faz, neste caso, dizer “desorientação” como dizer “sentir-se perdido”. A definição supõe, pois, que o homem se sente perdido, não às vezes, de vez em quando, mas sempre, ou, em outras palavras, que o homem consiste substantivamente em sentir-se

perdido. Portanto, minha definição expressa, por esse lado — que parece ser decisivo para ela — um erro crasso. Temo que, de todos nós que estamos aqui, o único que se sente perdido seja eu, ou seja, temo que o único homem que se sente perdido seja o metafísico, e por isso necessite da metafísica.

Sentir-se perdido! Já repararam bem no que essas palavras significam por si mesmas, sem transcender delas para nada além? Sentir-se perdido implica, a princípio, sentir-se: isto é, achar-se, encontrar-se a si mesmo, mas ao mesmo tempo, esse si mesmo que o homem encontra ao sentir-se consiste precisamente num puro estar perdido. *Sentir-se a nada,*

Pois bem, se cada um de vocês recua a atenção sobre si mesmo não encontra este em situação de perda e desorientação, mas ao contrário: cada um de vocês se encontra instalado agora numa aula da Universidade Central, edifício e instituição que pertence à terra e à nação espanholas, as quais terra e nação fazem parte de um planeta cujas dimensões e posição no cosmos astronômico é notória para vocês; ou, se não o é, estão certos de que, no momento em que necessitassem fazê-lo notório, o aprenderiam facilmente. Tudo isso e muito mais — por exemplo, a constituição da matéria de que esse cosmos astronômico é formado, as leis de sua conduta, etc. — consta a vocês em suas linhas gerais ou no detalhe. Por outro lado, consta a cada um de vocês que sua própria pessoa está integrada por uma coisa que se chama corpo e outra que se chama alma, cujas

condições, pelo menos em seus atributos principais, aproximadamente, são posse intelectual de vocês, ou, em outras palavras, vocês as sabem. Poderíamos continuar indefinidamente fazendo o inventário de todos os componentes de sua situação que constam a vocês. É possível que conste a alguns irrefragavelmente algo ainda mais decisivo para os efeitos de sua orientação: a saber que, além de seu corpo e de sua alma, e do cosmos físico, existe um ente pessoal, criador de tudo isso, onipotente, infinitamente sábio e bom, que mediante revelação se comunica ao homem e o dirige, facilitando sua orientação. É possível pedir mais?

E é um fato que, dia após dia, vocês conduzem sua existência movendo-a entre essas coisas que lhes constam, comportando-se em cada um de seus atos conforme a orientação que todas elas lhes proporcionam. Nenhum de vocês tentará sair desta aula através da parede, porque lhes consta que a parede é uma coisa bastante dura, dificilmente perfurável. Em vista disso que lhes consta, vocês procurarão a porta, porque lhes consta que a porta é um objeto através do qual se pode sair. Isso é tão humilde, tão elementar que resulta ridículo fazê-lo constar especificamente; mas, por isso mesmo, manifesta cruamente até que ponto é radical a necessidade de orientação, já que nossos atos mais humildes e elementares o pressupõem.

Dizer que “algo nos consta” e dizer que possuímos, em relação a algo, uma “convicção” são termos idên-

ticos. Eu acabo de aludir brevemente ao repertório das convicções que vocês possuem, as quais fazem com que se sintam orientados, e não perdidos. Contudo, tomemos de entre essas convicções aludidas uma das que parecem mais firmes: que dois e dois são quatro. Isso lhes consta. Mas, se analisamos essa constância, deparamo-nos com algo surpreendente. É provável que nenhum de vocês nunca tenha de fato questionado se dois e dois são ou não quatro. Que quer dizer então que isso “lhes consta”, que têm essa convicção? Quer dizer que a receberam de seu entorno social, que ouviram dizer isso; consta a vocês somente que a outros lhes consta: por exemplo, aos matemáticos. Ou, expresso em outros termos, vocês têm a convicção de que outros têm essa convicção; mas isso quer dizer que desta convicção vocês não estão convencidos. Usam dela, mas ela não é sua — vocês agem *como* se lhes constasse! É um constar sem efetividade, fictício, que está em vocês porque está em outros, porque está no entorno social. Vice-versa, se um dia vocês questionarem se de fato dois e dois são quatro e, depois de questionarem, em vista de evidentes razões, se convencerem efetivamente de que é assim, então ocorrerá de ser cada um de vocês quem tem essa convicção, de a convicção ser sua e não de outros; em suma, que de verdade lhes constará a cada um de vocês. Mas notem que esse constar efetivo lhes sobreveio porque e somente porque vocês fizeram questão do assunto e, enquanto faziam questão do assunto, o caso era para vocês questionável; ou,

em outras palavras, vocês se sentiram perplexos com o fato de dois e dois serem ou não quatro, ou seja, sentiram-se desorientados, perdidos. E como o mesmo acontece com todas as demais convicções que integram sua suposta orientação atual, resultará disso que há dois modos de estar orientado ou de algo nos constar: um, em que a orientação é efetiva, em que efetivamente nos consta algo a cada um de nós, ao si mesmo de cada um; mas este modo supõe sempre, inexoravelmente, uma desorientação prévia, um prévio não constar para nós; e outro, em que a orientação é fictícia, em que não é o si mesmo de cada um o convencido, mas um pseudo-eu que nos vem do entorno social, o qual desalojou e suplantou nossa efetiva personalidade e que atua em nós. Essa orientação fictícia é a que não pressupõe desorientação prévia.

Basta o que foi dito para entrever que o homem pode encontrar-se numa de duas situações: uma autêntica, que implica a desorientação, e por isso nos obriga a tentarmos nos orientar, e outra fictícia, falsa, em que nos damos por orientados. Como esta última é possível? Pensem na coisa tremenda que isso significa! Como o homem conduz seus atos, isto é, vive, em vista de sua orientação, do repertório de suas convicções, no caso da orientação fictícia todos os seus atos, portanto sua vida, será fictícia. E, de fato, se analisarem sua situação, vocês notarão que essa orientação em que se encontram instalados tem, na última ressonância de sua consciência, um caráter

provisório. Vocês se dão conta de que a adoraram precisamente para não terem de questionar as coisas; pode-se dizer que precisamente porque, de baixo dela, em sua última autenticidade, vocês pressentem estar radicalmente desorientados, perdidos. Esse pressentimento, essa possibilidade lhes dá horror, e vocês procuram se embotar para ela afastando dela a atenção, embarcando cegamente nas vagas convicções dos outros, instalando-se no lugar-comum, no que se ouve dizer. Isso equivale, se for certa esta análise que agora apenas insinuo, a fugirem de seu autêntico si mesmo e o substituírem por uma personalidade convencional.

Mas o caso é que eu hei de tomá-los onde estão, e vocês estão, a princípio, no que presumem ser uma orientação. Essa orientação é a que faz com que cada um de vocês se sinta agora perfeitamente “encontrado”. De fato, cada um de vocês se encontra agora aqui, escutando uma aula de metafísica. Entretanto, este fato atual e irreduzível pertence a uma coisa ou realidade que se chama a vida de vocês. O que é isso — sua vida, nossa vida, a de cada um? Pelo visto é algo sem importância, uma vez que a ciência nunca se ocupou dela. E, contudo, essa realidade tão ignorada cientificamente tem, com toda evidência, a pavorosa, tremenda condição de encerrar, para cada um, um *todo*, todas as demais realidades, incluindo a realidade ciência e a realidade religião, já que ciência e religião não são mais que duas coisas entre as inumeráveis que um homem faz em sua vida.

Não vale a pena que, antes que a metafísica comece a nos dizer o que é o universo, nos fixemos neste fato prévio, humilíssimo, mas irrecusável, de que a própria metafísica não é senão algo que o homem — você, eu — fazemos em nossa vida, e que esta, conseqüentemente, é algo anterior, anteposto a tudo que a metafísica ou qualquer outra ciência ou mesmo a religião possam descobrir para nós?

Eu não sei se se isso que chamo de “minha vida” é importante, mas parece que, importante ou não, está aí antes de tudo o mais, incluindo Deus, porque tudo o mais, incluindo Deus, tem de dar-se e ser para mim dentro de minha vida.

O que é, pois, vida? Não busquem longe, não tenham de recordar sabedorias aprendidas. As verdades fundamentais têm de estar sempre à mão, porque só assim são fundamentais. Aquelas que é preciso ir buscar é porque estão num lugar apenas; são verdadees particulares, localizadas, provinciais, de canto, não básicas. Vida é o que somos e o que fazemos: é, pois, de todas as coisas, a mais próxima de cada um. Ponhamos a mão sobre ela, e ela se deixará apertar como uma ave mansa.

Se, agora há pouco, ao se dirigirem para cá, alguém lhes perguntasse aonde iam, vocês teriam dito: “Vamos a uma aula de metafísica”. E, de fato, aqui estão vocês me ouvindo. A coisa não tem importância alguma. Entretanto, é o que agora constitui sua vida. Eu sinto muito, mas a verdade me obriga a dizer que a vida de vocês consiste agora numa coisa de minúscula

importância. Mas, se formos sinceros, reconheceremos que a maior parte de nossa existência é composta de semelhantes insignificâncias: vamos, voltamos, fazemos isto ou aquilo, pensamos, queremos ou não queremos, etc. De vez em quando nossa vida parece adquirir uma súbita tensão, como se empinasse, se concentrasse e densificasse: é uma grande dor, um grande desejo que nos chama; acontece conosco, dizemos, coisas importantes. Mas notem que para a nossa vida essa variedade de acentos, esse ter ou não ter importância é indiferente, posto que a hora culminante e frenética não é mais vida que a plebe de nossos minutos habituais.

Resulta, pois, que a primeira visão que temos da vida, nesta pesquisa de sua essência pura que empreendemos, a apresenta como o conjunto do que fazemos, de nossos afazeres, que vão, por assim dizer, mobilizando-a. *A vida é o que fazemos e o que nos acontece.*

Nosso método consistirá em notar, um após outro, os atributos de nossa vida, em tal ordem que dos mais externos avancemos para os mais internos, que da periferia do viver nos contraiamos para seu centro palpitante. Encontraremos, pois, sucessivamente, uma série de definições da vida, cada uma das quais conservando e aprofundando as antecedentes.

E assim, a primeira que encontrarmos é esta: viver é o que fazemos e o que nos acontece, desde pensar ou sonhar ou nos comovermos, até investir na Bolsa ou ganhar batalhas. Mas eu necessito que vocês se deem

conta de que isso não é uma brincadeira, mas uma verdade tão óbvia quanto inquestionável e radical. Pretendo falar-lhes não de coisas abstrusas e distantes, mas de sua própria vida, e começo dizendo que a vida de vocês consiste em estarem me escutando. Compreendo muito bem que vocês resistam a essa verdade, mas não há saída. Porque isso, escutar-me, é o que estão fazendo agora, e é o que agora constitui a sua vida. Mas a vida é sempre um “agora”, e consiste no que agora se é. O passado de sua vida e o futuro da mesma só têm realidade no agora, graças a vocês recordarem agora o seu passado ou anteciparem agora o seu porvir. Nesse sentido a vida é pura atualidade, é pontual, é um ponto — o presente —, que contém todo o nosso passado e todo o nosso porvir. Por isso pude afirmar que nossa vida é o que estamos fazendo agora. Portanto, não me culpem.

Que culpa tenho eu de vocês terem resolvido vir até aqui esta tarde e, portanto, fazerem consistir sua vida em escutar-me? Por que vieram? Não vou responder imediatamente a essa pergunta, mas depois, ou outro dia, eu gostaria de respondê-la, ainda que muito brevemente, porque, se a vida é sempre o que estamos fazendo, é muito importante analisar *por que* estamos fazendo precisamente uma coisa e não outra. É característico do fazer que tudo o que se faz se faz por algo; a vida, conseqüentemente, vive sempre de um porquê, e, fiel à minha promessa de falar-lhes de sua vida, sou obrigado não somente a fazer-lhes notar a obviedade de que esta consiste em

estarem me escutando, mas em tentar averiguar *por que* estão me escutando. Talvez isso faça com que alguns empalideçam, pois sei que nem todos vieram por bons motivos. Melhor; assim vocês terão mais cuidado com o que fazem da próxima vez; ou seja, com o que vivem. O propósito destas lições não é outro senão incitar-lhes a terem cuidado com sua vida, porque não têm mais que uma, e esta uma se compõe de um número dado, muito limitado de instantes, de agoras, e empregá-lo mal é como destruí-lo, como matar um pouco de sua vida. Mas depois falaremos disso.

Nada do que fazemos seria nossa vida se não nos déssemos conta disso. Este é o primeiro atributo decisivo com que nos deparamos: viver é essa realidade estranha, única, que tem o privilégio de existir para si mesma. Todo viver é viver-se, sentir-se viver, saber-se existindo; onde saber não implica conhecimento intelectual nem qualquer sabedoria especial, mas sim essa surpreendente *presença* que sua vida tem para cada um: sem esse saber-se, sem esse dar-se conta, a dor de dentes não doeria em nós.

A pedra não se sente nem se sabe ser pedra: é para si mesma, como para tudo, absolutamente cega. Ao contrário, viver é, desde logo, uma revelação, um não se contentar com ser, mas compreender ou ver que se é, um inteirar-se. É a descoberta incessante que fazemos de nós mesmos e do mundo ao redor.

Explicaremos agora o título jurídico desse estranho possessivo que usamos ao dizer “nossa vida”:

é “nossa” porque, além de ela ser, nós nos damos conta de que é, e de que é tal e como é. Ao nos percebermos e nos sentirmos, tomamos posse de nós mesmos, e este estar sempre em posse de si mesmo, este assistir perpétuo e radical a tudo que fazemos e somos, diferencia o viver de tudo o mais. As orgulhosas ciências, o conhecimento douto, não fazem mais que aproveitar, particularizar e regimentar essa revelação primigênia em que a vida consiste.

Esse ver-se ou sentir-se, essa presença de minha vida para mim mesmo que me dá a posse dela, que a torna “minha”, é o que falta ao louco. A vida do louco não é sua; a rigor, já não é mais vida. E por isso ver um louco é o fato mais inquietante que existe. Porque nele aparece perfeita a fisionomia de uma vida, mas somente como uma máscara atrás da qual falta uma autêntica vida. Diante do louco, de fato, nós nos sentimos como diante de uma máscara; é a máscara essencial definitiva. O louco, ao não se saber a si mesmo, não se pertence, foi expropriado; e expropriação, passar a posse alheia, é o que significam os velhos nomes da loucura: alienação, alienado; dizemos “está fora de si”, “já foi”, entende-se, de si mesmo; é um possuído, entende-se, possuído por outro. (A vida é saber-se, é evidencial).

O viver, em sua raiz e entranha mesma, consiste num saber-se e compreender-se, num advertir-se e advertir o que nos rodeia, num ser transparente para si mesmo. Por isso, quando fazemos a pergunta “o que é a nossa vida?” podemos sem esforço, elegantemente,

responder: vida é o que fazemos; claro, porque viver é saber o que fazemos; é, em suma, encontrar-se a si mesmo no mundo e ocupado com as coisas e os seres do mundo.

Não se trata principalmente de encontrarmos nosso corpo dentre as coisas corporais, e tudo isso dentro de um grande corpo ou espaço que chamaríamos de mundo. Se só houvesse corpos, não existiria o viver; os corpos rolam uns sobre os outros, sempre fora uns dos outros, como as bolas de bilhar ou os átomos, sem que se saibam nem se importem uns com os outros. O mundo em que ao viver nos encontramos se compõe de coisas agradáveis e desagradáveis, atroz e benévolas, favores e perigos: o importante não é que as coisas sejam ou não corpos, mas que nos afetam, nos interessam, nos acariciam, nos ameçam ou nos atormentam. Originariamente, isso que chamamos de corpo não é senão algo que resiste a nós e nos atrapalha, ou que nos sustenta e carrega; portanto, não é senão algo adverso ou favorável. Mundo é *sensu stricto* o que nos afeta. E viver é cada um de nós encontrar-se a si mesmo num âmbito de temas, de assuntos que lhe afetam. Assim, sem saber como, a vida se encontra a si mesma ao mesmo tempo em que descobre o mundo. Não há viver se não for num orbe cheio de outras coisas, sejam objetos ou criaturas; é ver coisas e cenas, amá-las ou odiá-las, desejá-las ou temê-las. Todo viver é ocupar-se com um *outro* que não é o *mesmo*, todo viver é conviver, encontrar-se em meio a uma circunstância.

Nossa vida, segundo isso, não é somente nossa pessoa, pois dela faz parte o nosso mundo: ela — nossa vida — consiste em a pessoa se ocupar das coisas ou com elas, e evidentemente o que nossa vida seja depende tanto do que seja nossa pessoa como do que seja nosso mundo. Nem um nem o outro termo é mais próximo de nós: não nos damos conta primeiro de nós e depois do entorno, mas viver é, desde logo, em sua raiz mesma, encontrar-se diante do mundo, com o mundo, dentro do mundo, submerso em seu tráfego, em seus problemas, em sua trama aleatória. Mas também vice-versa: esse mundo, ao se compor somente do que nos afeta a cada um de nós, é inseparável de nós. Nascermos juntos com ele e são, vitalmente, pessoa e mundo, como esses pares de divindades da antiga Grécia e Roma que nasciam e viviam juntas; os dióscuros, por exemplo: pares de deuses que costumavam denominar-se *dii consentes*, os deuses unânimes.

Vivemos aqui, agora; ou seja, estamos num lugar do mundo e parece-nos que viemos a este lugar libertinamente. A vida deixa, de fato, uma margem de possibilidades dentro do mundo, mas não somos livres para estar ou não neste mundo que é o de agora. Só cabe renunciar à vida, mas, se se vive, não cabe escolher o mundo em que se viver. Isso dá à nossa existência um cariz terrivelmente dramático. Viver não é entrar por vontade própria num lugar previamente escolhido a gosto, como se escolha o teatro depois da ceia, mas é encontrar-se, de repente

e sem saber como, caído, submerso, jogado num mundo impermutável: neste de agora. Nossa vida começa por ser a perpétua surpresa de existir, sem nossa anuência prévia, náufragos num orbe impremeditado. Não demos a vida a nós mesmos, e sim a encontramos, justamente, aos nos encontramos conosco mesmos. Uma imagem esclarecedora seria a de alguém que, dormindo, fosse levado aos bastidores de um teatro, e ali, com um empurrão que o desper-tasse, fosse lançado à ribalta, diante do público. Ao encontrar-se ali, o que encontra esse personagem? Encontra-se metido numa situação difícil sem saber como nem por quê, numa peripécia; a situação difícil consiste em resolver de algum modo decoroso aquela exposição diante do público, que ele não buscou, nem preparou, nem previu. Em suas linhas radicais a vida é sempre imprevista. Não nos foi anunciada antes de que entrássemos nela — em seu cenário, que é sempre um, concreto e determinado —, não nos prepararam.

Creio que essa imagem delincoe com bastante exatidão a essência do viver. A vida nos é dada — melhor dizendo, nos é arremessada, ou nós somos arremessados nela —, mas isso que nos é dado, a vida, é um problema que nós temos de resolver. E isso não somente nos casos de especial dificuldade, que qualificamos peculiarmente como “conflitos” e “apuros”, mas sempre. Quando vocês vieram aqui, tiveram de se decidir a isso, de resolver viver este momento desta forma, de se conduzirem até aqui.

Dito de outro modo: vivemos nos sustentando em meio ao desequilíbrio, carregando o peso de nossa vida por entre as esquinas do mundo. E com isso não prejudicamos se é triste ou jovial nossa existência: seja uma coisa ou outra, ela é constituída por uma incessante obrigatoriedade de resolver o problema de si mesma.

Se a bala que o fuzil dispara tivesse espírito, sentiria que sua trajetória estava prefixada com exatidão pela pólvora e pela pontaria, e se a essa trajetória chamássemos de “sua vida”, a bala seria um simples expectador dela, sem intervenção nela: a bala não se disparou a si mesma nem escolheu seu alvo. Mas, por isso mesmo, a esse modo de existir não se pode chamar de “vida”. Esta nunca é sentida prefixada. Por mais seguros que estejamos do que nos vai acontecer amanhã, nós o vemos sempre como uma possibilidade. Este é outro essencial e dramático atributo de nossa vida, que está unido ao anterior. Porque nossa existência é a todo instante um problema, grande ou pequeno, que temos de resolver sem que se possa transferir a solução a outro ser, quer dizer que ela nunca é um problema resolvido, mas que a todo instante nos sentimos como que forçados a escolher entre várias possibilidades. Isso não é surpreendente? Fomos arremessados em nossa vida e, ao mesmo tempo, isso em que fomos arremessados nós temos de fazê-lo por conta própria; por assim dizer, fabricá-lo. Ou, dito de outro modo: nossa vida é nosso ser. Somos o que ela é e nada mais; mas esse

ser não é predeterminado, resolvido de antemão, mas sim necessitamos decidi-lo nós; temos de decidir o que vamos ser, por exemplo, o que vamos fazer ao sair daqui. A isso eu chamo de “sustentar-se em meio ao desequilíbrio, carregar o próprio ser”. Não há descanso nem pausa, porque o sonho, que é uma forma do viver biológico, não existe para a vida no sentido radical com que usamos esta palavra. No sonho não vivemos, mas ao despertar e retomar a vida é que a encontramos aumentada pela recordação volátil do que sonhamos.

As metáforas elementares e inveteradas são tão verdadeiras como as leis de Newton. Nessas metáforas veneráveis, que já se converteram em palavras do idioma, sobre as quais caminhamos a todo momento como sobre uma ilha formada pelo que foi coral, nessas metáforas — digo — estão contidas intuições perfeitas dos fenômenos mais fundamentais. Assim falamos com frequência que sentimos um “peso”, que estamos numa situação “grave”. Peso e gravidade são metaforicamente transpostos do peso físico, do corpo que pousa sobre o nosso e pesa, à ordem mais íntima. E ocorre que, de fato, a vida pesa sempre, porque consiste num carregar-se e suportar-se e conduzir-se a si mesma. Só que nada embota como o hábito, e é comum nos esquecermos desse peso constante que arrastamos e somos; mas, quando uma ocasião menos sólita se apresenta, voltamos a sentir o gravame. Enquanto o astro gravita para outro corpo e não pesa para si mesmo, aquele

que vive é ao mesmo tempo peso que pesa e mão que sustenta. Do mesmo modo, a palavra “alegria” talvez venha de “aligeirar”, que é fazer perder peso. O homem sobrecarregado¹ vai ao bar em busca de alegria; solta o lastro e o pobre aeróstato de sua vida se eleva jovialmente.

Com tudo isso avançamos notavelmente nessa excursão vertical, nessa descida ao ser profundo de nossa vida. Na fundura onde agora estamos, o viver nos aparece como um sentirmo-nos forçados a decidir o que vamos ser. Já não nos contentaremos com dizer como no princípio: a vida é o que fazemos — é o conjunto de nossas ocupações com as coisas do mundo —, porque notamos que todo esse fazer e essas ocupações não nos vêm automaticamente, mecanicamente impostas, como o repertório de discos ao gramofone, mas são decididas por nós, e que estas serem decididas é o que têm de vida: a execução é, em grande parte, mecânica.

O grande fato fundamental com o qual eu desejava colocá-los em contato já está aqui, nós já o expressamos: viver é constantemente decidir o que vamos ser. Vocês não percebem o fabuloso paradoxo que isso encerra? Um ser que consiste, mais que naquilo que é, naquilo que vai ser, portanto no que ainda não é. Pois esse paradoxo essencial e abismático é nossa vida. Eu não tenho culpa; é a mais pura verdade.

¹ “Apesadumbrado”: “tristonho” a partir da raiz de “pesado”. — NT

Talvez alguns de vocês agora pensem: “Desde quando viver é isso, decidir o que vamos ser? Já faz um tempo que estamos aqui o escutando, sem decidir nada e, entretanto, não há dúvida de que estamos vivendo”. A isso eu responderia: meus caros senhores, durante este tempo vocês não fizeram outra coisa senão decidir muitas vezes o que iam ser. Trata-se de uma das horas menos culminantes de sua vida, mais condenada a relativa passibilidade, posto que vocês são ouvintes. E, contudo, coincide exatamente com minha definição. Eis a prova: enquanto me escutavam, alguns talvez tenham vacilado mais de uma vez entre deixar de prestar atenção em mim e vagar por suas próprias meditações ou continuar generosamente escutando atentos o que eu dizia. Decidiram-se por uma coisa ou por outra — por serem atentos ou distraídos, por pensar neste tema ou em outro —, e isso, pensar agora sobre a vida ou sobre outra coisa é o que *agora* é sua vida. E não menos os outros que não vacilaram, que permaneceram decididos a me escutar até o fim; momento após momento tiveram de nutrir novamente essa resolução para mantê-la viva, para continuar sendo atentos. Nossas decisões, mesmo as mais firmes, têm de receber constante correção, de ser sempre de novo carregadas como uma escopeta onde a pólvora se inutiliza; têm de ser, em suma, redecididas. Ao entrar por essa porta, vocês decidiram o que iam ser: ouvintes; e depois reiteraram muitas vezes seu propósito, de outro modo vocês teriam, logo em seguida, escapado de mim.

E agora nos resta tirar a imediata consequência de tudo isso: se nossa vida consiste em decidir o que vamos ser, quer dizer que na raiz mesma de nossa vida há um atributo temporal: decidir o que vamos ser, portanto, o futuro. E, sem parar, recebemos agora, uma após a outra, toda uma fértil colheita de averiguações. Primeira: que nossa vida é, antes de tudo, deparar-se com o futuro. Não é o presente ou o passado a primeira coisa que vivemos, não: a vida é uma atividade que se executa para adiante, e o presente ou o passado se descobre depois, em relação com esse futuro.²

2 [Os últimos parágrafos desta aula reiteram ou parafraseiam os finais da aula X do curso *¿Qué es filosofía?*, de 1929, publicado nesta coleção]. V. *O que é filosofia?*, Campinas, SP: Vide Editorial, 2016. — NT

AULA III

[Uma distinção: “reparar” e “contar com” — Revisão e correção do que foi exposto — Ninguém pode pular fora de sua vida — “Fazer ciência” é algo que acontece em “nossa vida” — Vida como biografia — O que é o céu? — Evidência e verdade — A vida da muito o que fazer — A reflexão: os dois “agora”]

Na aula anterior, eu tomava vocês ali mesmo onde estavam, e onde voltam hoje a estar: escutando uma lição de metafísica. Isso é o que vocês estão fazendo agora, e é o que agora constitui a sua vida. A vida é sempre um “agora”, e consiste no que agora se é. O passado de sua vida e o futuro da mesma só têm realidade no agora, na medida em que recordarem agora o seu passado ou anteciparem agora o seu porvir. Nesse sentido a vida é pontual, é um ponto: o presente, que contém todo o nosso passado e todo o nosso porvir. Por isso pode afirmar que nossa vida é o que estamos fazendo *agora*.